

EU QUERIA SER UM POETA: ZULMIRO VITOR (Cinema Voz Indígena #2)

João Paulo Ribeiro¹

Os povos indígenas do interior de São Paulo, dos conflitos com os bandeirantes que buscavam ouro e escravizar pessoas, dos ataques dos bugreiros que tinham como objetivo exterminar populações, da constituição de reservas indígenas como modo de serviço de proteção. E haveria outras possibilidades? Com Zulmiro Vitor, conhecemos sobre o povo caipira, sobre o povo indígena. Não é necessariamente um outro caminho, mas o caminho do povo brasileiro em seu dia a dia. Compositor de música raiz sertaneja. Suas músicas mais conhecidas são “Percorrendo São Paulo”, “Sítio do meu pai”, “Rancho de Caboclo”, “Canoeiro Assombrado”, “Fazenda do Barão”, “Padre Joãozinho” e “Barretão”. Nasceu em Itirapina no dia 3 de maio de 1943, e seus pais e avós em Analândia. Descendente de indígenas, sua avó nasceu próximo ao rio Pinheirinho e seu avô, do rio Atalaia. Seu pai casou com descendente de italianos que vieram para trabalhar na região. Zulmiro é conhecedor das matas e rios da região. Conhece detalhes do trajeto do Rio Mogi Guaçu entre Pirassununga e Guatapar, do Rio Corumbataí, Rio Jacaré Guaçu e Jacaré Pepira. Desde os sete anos de idade, seu pai o levava para as matas e ensinava conhecimentos. Viu com sua família a transformação do espaço geográfico, dos caminhos indígenas. Zulmiro Vitor  um exemplo de biblioteca viva. Em seus poemas podemos escutar a voz indígena, a voz caipira. Para essa edição da revista, vamos conhecer trs poemas que são letra de moda de viola e cururu.

<p>O Poeta (2019)</p> <p>Eu queria ser um poeta Se eu soubesse escreve E da florada do ipe Foi a florada mais linda Que são Deus pode faze Ate os passarinho canta Em forma de agradece</p> <p>Quando chega a primavera L no rancho dá pra ve A natureza se enfeitando Com a florada do ipe Nós temo o ipe branco O roxo e o marelo A florada do ipe Que enfeita nosso sertão</p>	<p>Quando escuto o motosserra Trabalhando no sertão Corre lágrima do zoio E doi o meu coração Por saber que  mais um ipe Que o homem põe no chão</p> <p>Eu já falei do ipe Eu já falei do sertão Agora peo pra todos Vamos respeita o ipe E a beleza do sertão.</p>
---	--

Poluição (2020)

Eu tão pedindo pra Deus
Que ele venha me ajudar
Já poluram a terra
Tão poluindo o ar
Agora tão poluindo toda a água do mar
Tão derrubando os morro
para tirar o nosso ouro
Eu tão vendo em pouco tempo
A natureza já t pedindo socorro

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Linguística/PPGL/UFSCar.

Letra Indígena, São Carlos, v. 1, n.18. 2021, p. 13-14

Número Especial – Programa Voz Indígena – uma experiência cinematográfica

www.leetraindigena.ufscar.br

Derrubaram nossa mata
 Fizeram índio corrê
 Nossos bicho brasileiro
 Já não tem onde esconder
 Eu não sei o que o homem
 Vai querer fazer
 Tão poluindo o rio
 Fazendo o peixe morrê
 Poluíram nossas minas
 Que fazia água corrê
 Eu tô vendo em pouco tempo
 Não ter água pra bebê
 Nossas criancinha é quem vai sofrê

O homem não acredita em Deus
 Tá poluindo o mundo
 Tá levando nosso povo
 Tudo para o fim do mundo.

<p>Raizeiro (2020) O meu avô foi um índio velho De grande sabedoria Até a sua comida, do mato ele trazia Era carne, peixe e fruta Que pros filho, ele servia Se alguém ficasse doente Um remédio ele fazia Se tomasse direitinho, logo a doença saía.</p> <p>A sua roupa de pena Que seu corpo cobria Sua flecha de caçada O velho índio fazia Quando ele vinha pro rancho Sempre a caça trazia Se alguém lhe procurasse Pra doença, ele atendia Até picada de cobra O índio velho benzia</p>	<p>Ele vivia no mato Mas tinha sabedoria Não acreditava em médico Nem em tal feitiçaria Ele só acreditava No remédio que fazia Há muito tempo passado O velho índio dizia Que o remédio da cidade É com droga que fazia</p> <p>Ele vivia no mato Mas tinha sabedoria Era carne, peixe e fruta Que o índio velho comia Quando ele vinha pro rancho De barrote que fazia Tudo que ele ensinava Os índio logo aprendia.</p>
--	--